

COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO NA RÁDIO: PERCURSOS DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU ENQUANTO ESPAÇO DE MOBILIZAÇÃO E DE LUTA

MAMADÚ INDJAI¹; DRA. LUCIANA MARIA DE ARAGÃO BALLESTRIN²

¹ UFPEL –mamaduindjai@gmail.com 1

² UFPEL – luballestra@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas eleições presidenciais realizadas, em 29 de novembro de 2019 na Guiné-Bissau, Umaro Sissoco Embalo foi eleito presidente da república. Ao longo dos seus três anos no poder, a liberdade de imprensa e a integridade física dos jornalistas vem sendo atacadas. Uma série de acontecimentos vem ocorrendo no país, como por exemplo, o rapto e o espancamento do blogueiro António Aly Silva por um grupo de pessoas desconhecidas, ou o caso do jornalista Adão Ramalho, que também foi espancado por elementos da Segurança Nacional enquanto cobria a chegada do líder do Partido Africano Para a Independência de Guiné e Cabo-Verde, que vinha do exterior.

Houve também o sequestro e o espancamento do blogueiro Doka Ferreira, ex-apoiador do atual regime, bem como o sequestro e o espancamento do ativista político das redes sociais Queba Sané. Ainda nessa onda de violência, tem-se o caso da rádio privada *O Capital FM*, uma rádio que é assumidamente crítica ao regime de Umaro Sissoco Embaló e de Nuno Gomes Nabian, o então primeiro ministro; suas instalações foram vandalizadas e alguns de seus equipamentos destruídos no dia 26 de julho de 2020 por homens armados ligados à força de Segurança Nacional. A mesma rádio foi alvo de um segundo ataque promovido por grupos armados em 7 de fevereiro de 2022, com o registro de muitos feridos e com a realização de vários disparos contra equipamentos (DW ÁFRICA, 2022a).

Em face do exposto, a proposta é parte da proposta de tese de doutorado que tem como objetivo é entender o papel das rádios na Guiné-Bissau como forma de organização coletiva dos movimentos populares para a efetivação da democracia no país, sobretudo as rádios comunitárias. Ou seja, procura-se articular como o uso destas ferramentas de comunicação pelos atores sociais e comunitários evidenciam as lutas populares, visando a ampliação dos espaços de participação política para a democratização em níveis local e nacional.

O pano de fundo dessa proposta é de compreender o processo de democratização na Guiné-Bissau, um país que completa em 2023 seus 50 anos após a independência. Nesse sentido, a discussão teórica deve, no entanto, partir de perspectivas que possibilite pensar a democracia para além de modelos minimalistas ou convencionais (SCHUMPETER, 1942, DAHL, e BOBBIO,) e procurar elementos teóricos e conceituais que possam olhas para as especificidades democráticas nos contextos como desta pequena nação. Elementos como, a participação política democrática e diferentes atores políticos e sociais possibilitada a partir das novas gramáticas sociais entre instituições representativas e a inovação social trabalhada por Boaventura Sousa Santos em diferentes trabalhos. Entendendo a democracia também enquanto processo com a

finalidade de promover a dignidade humana, através de meios de subsistência populares, participação popular e poder popular (Shivji, 2018).

Estudar a democracia e processo de democratização na Guiné-Bissau através do estudo do papel das rádios na Guiné-Bissau como forma de organização coletiva dos movimentos populares nos coloca diante de um desafio interdisciplinar. A principal deles, é procurar através de diferentes concepções teóricas, as características que podem possibilitar a identificação das experiências de comunicação comunitária dentre tantas formas de fazer comunicação existente no país. Para o efeito, duas teóricos serão importantes, a Professora Raquel Paiva e a pesquisadora Cicilia M. Krohling Peruzzo em suas concepções sobre a comunicação comunitária. A conjugação dessas duas variáveis (democracia e seus processos x comunicação comunitária) para análise do processo democratização na Guiné-Bissau nos possibilitará entender como a ação social dos indivíduos e de suas organizações são fundamentais na democratização da democracia no país.

A comunicação comunitária se compararmos em relação a grande mídia, ela é uma forma alternativa de fazer comunicação por parte do movimento popular para possibilitar um canal de expressão e de conteúdos info-comunicativos. Para Peruzzo (2009, P.133) este tipo de comunicação pode ser chamado de alternativa, popular e comunitária por vir de iniciativa popular e orgânicos aos movimentos sociais, e também poderão ser denominados de “comunicação participativa, dialógica, educativa, horizontal, comunitária ou radical”.

2. METODOLOGIA

Buscar compreender a processo de democratização a partir das ações dos movimentos comunitários potencializadas nas rádios comunitárias nos obriga a articular alguns pressupostos teóricos e metodológicos. Primeiramente, a articulação envolve a revisão bibliográfica sobre a teoria democrática e comunicação comunitária numa maneira interdisciplinar numa abordagem qualitativa, onde utilizaremos revisão nas fontes primárias (Livros e artigos de revista etc.).

A proposta inicial é a realização de um mapeamento a nível nacional das rádios comunitárias gerenciadas pelas associações comunitárias, num universo de mais de 35 rádios comunitárias existentes no país. A partir desse mapeamento, selecionaremos algumas pessoas membros dessas associações para a realização de quatro grupos focais, uma em cada províncias do país. O grupo focal para Powell Single (1996, apud GATTI, 2005, p. 7-8) é quando selecionarmos e reunirmos um conjunto de pessoas com a finalidade de pesquisa para discutir uma certa “temática, conceitos, atitudes, crenças e experiências”. Para Morgan e Krueger (1993), o focal possibilita realizar pesquisas que não seriam possíveis com outras metodologias, tais como: entrevistas, observações e questionários.

Portanto, para além de grupos focais com associações comunitárias, iremos realizar entrevistas semiestruturas com radialistas dos programas que escolheremos para análise, também com alguns membros da equipe de gestão das rádios, em casos onde há. E finalmente aplicação de formulário para restante de radialistas de cada estação de rádio a ser analisada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, a África e, de modo geral, o Sul Global do mundo têm sido palco de discussões sobre a democracia dentro e fora do continente, sobretudo no que

se refere ao modelo liberal da democracia. Nessa discussão, colocam-se em questão da efetividade da democracia liberal, levando em conta as suas características de modelo de concorrência e de disputa entre partidos políticos/elites políticos quanto suas liberdades (de pensamento, de expressão, de associação e de imprensa) garantidas nas constituições (MENDY, 1996), sem mencionar que estamos referindo a um modelo transplantado e um conceito imposto ao resto do mundo pelo Ocidente, conforme afirma Issa G. Shivji (2018).

Portanto, é claramente perceptível que esse modelo sozinho não dá conta para compreensão das formas sociopolíticas e cultural de organização de algumas sociedades. Como dizia o sociólogo guineense Carlos Lopes (1990), que estudar a estrutura do Estado ou a forma de organização social de um país como a Guiné-Bissau, é fundamental levar em conta a existência de três formas de exercício de poder, que vão desde o poder tradicional, que é a sua principal raiz, ao poder ligado ao desenvolvimento de aspectos sociopolíticos do período de luta pela independência, e à existência do poder do Estado moderno. Todas essas formas de organização da sociedade apresentam suas especificidades que são desafios para pesquisador, mas também uma evidência que o proceduralismo democrático (as eleições) não são respostas cabais ao processo democrático.

4. CONCLUSÕES

Com a deficiência de meios de comunicação pública (com meios de comunicação pública quero dizer, órgãos de comunicação estatais), e com a repressão ainda muito forte em relação as manifestações nas ruas, as rádios comunitárias, ou na comunicação comunitária de modo geral, se tornou espaços de evidência das lutas de movimentos sociais comunitários. Se destacando como um importante meio de canalização e de articulação das demandas das populações que carecem dessa representação mais efetiva; um meio que, a partir das suas organizações associativas, potencializadas nas rádios, acaba sendo importante na conscientização dessas pessoas e no processo de democratização da própria democracia representativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber livro, 2005.

LOPES, Carlos. Relações de poder numa sociedade malinké: o Kaabu do século XIII ao século XVIII. **Soronda: Revista de Estudos Guineenses**, v. 10, p. 17-26, 1990.

PAIVA, Raquel. **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, n. 17, p. 131-146, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa; AVRITZER, Leonardo. Para ampliar o cânone democrático. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.). **Democratizar a**

democracia: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 39-82.

SHIVJI, Issa G. Democracia e democratização em África: interrogar paradigmas e práticas. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **Demodiversidade:** imaginar novas possibilidades democráticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 39-82.